



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA:
GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL

KÊNIA RÉSILEY MOURA DA CONCEIÇÃO

**REFLEXÕES SOBRE A GESTALT-TERAPIA E RELAÇÕES RACIAIS:
O RACISMO COMO FIGURA DO CAMPO**

BELO HORIZONTE

2021

KÊNIA RESILEYMOURA DA CONCEIÇÃO

**REFLEXÕES SOBRE A GESTALT-TERAPIA E RELAÇÕES RACIAIS:
O RACISMO COMO FIGURA DO CAMPO**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para obtenção do título de Especialista em Psicologia Clínica.

Orientador: Professor Dr. André Luiz Freitas Dias.

BELO HORIZONTE

2021

150 Conceição, Kênia Résiley Moura da.
C744r Reflexões sobre a gestalt-terapia e relações raciais
2021 [recurso eletrônico] : o racismo como figura do campo /
Kênia Résiley Moura da Conceição. - 2021.

1 recurso online (29 f.) : pdf

Orientador: André Luiz Freitas Dias.

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em
Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial -
Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de
Filosofia e Ciências Humanas.

Inclui bibliografia.

1.Relações raciais. 2.Racismo. 3.Gestalt-terapia. I.Dias,
André Luiz Freitas. II. Universidade Federal de Minas
Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL

Folha de Aprovação

REFLEXÕES SOBRE A GESTALT-TERAPIA E RELAÇÕES RACIAIS: O RACISMO COMO FIGURA DO CAMPO
KÊNIA RÉSILEY MOURA DA CONCEIÇÃO

monografia defendida e aprovada, no dia **dezesseis de agosto de 2021**, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelos seguintes professores:

PAndré Luiz Freitas Dias - Orientador
FAFICH/UFMG

Maria Madalena Magnabosco

Luciana Célia da Silva Costa
Externo

Belo Horizonte, 15 de outubro de 2021.

Profª. Drª. Claudia Lins Cardoso
Coordenadora do Curso



Documento assinado eletronicamente por **Valteir Gonçalves Ribeiro, Chefe de seção**, em 15/10/2021, às 11:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Claudia Lins Cardoso, Professora do Magistério Superior**, em 15/10/2021, às 17:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador 1022853 e o código CRC 21C6E9F2.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Glauciane e minhas irmãs Paola e Bruna, que vibram com minhas conquistas como se fossem as delas.

Ao meu marido Alexis e ao meu filho Heitor, vocês sustentam minha existência. Eu sou porque nós somos!

Aos meus consulentes, que tanto me ensinam sobre a vida e a humanidade que habita em cada um de nós.

À minha amiga, irmã de coração, Mariana André, obrigada por estar sempre aqui caminhando comigo em todas as minhas empreitadas.

À coordenação do curso por tonar possível e real essa formação. Em especial a Dr.^a Claudia Lins Cardoso, que plantou em mim a curiosidade pela Gestalt-terapia, curiosidade que se transformou em paixão pela abordagem.

Ao Prof. Dr. André Luiz Freitas pela disponibilidade e orientação.

À Dra. Maria Madalena Magnabosco e a Luciana Célia da Silva Costa, por aceitarem o convite para banca e pela leitura atenta.

Aos professores que passaram por essa formação, obrigada pelo conhecimento e sabedoria compartilhados.

Aos colegas da turma pelas trocas e construções feitas ao longo desse caminho e pela potência dos nossos encontros.

RESUMO

A construção desse trabalho se dá com uma breve revisão e explanação sobre a história negra, com a caracterização do racismo e seus determinantes, seguido sobre a reflexão do posicionamento da psicologia enquanto instituição no campo das relações raciais, e por fim, uma revisão acerca das discussões e construções sobre o racismo e relações raciais na Gestalt-terapia, abordagem que se mostra potente nesse campo, especialmente por meio do resgate de sua dimensão político-social. Não se pretende aqui trazer respostas, mas gerar a reflexão da necessidade de mais construções teóricas e discussões sobre o racismo, o qual a sociedade, de maneira geral, insiste em invisibilizar, mas que é fundo presente e estruturante no campo das relações sociais, e atravessa a construção da subjetividade das pessoas negras, individual, coletiva e historicamente.

Palavras-chave: relações raciais. racismo. gestalt-terapia.

RESUMEN

La construcción de este trabajo se lleva a cabo con una breve revisión y explicación sobre la historia negra, con la caracterización del racismo y sus determinantes, seguida de la reflexión sobre el posicionamiento de la psicología como institución en el campo de las relaciones raciales, y finalmente, una revisión sobre las discusiones y construcciones sobre el racismo y las relaciones raciales en la terapia Gestalt , un enfoque que demuestra ser poderoso en este campo, especialmente a través del rescate de su dimensión político-social. No se pretende aquí traer respuestas, sino generar el reflejo de la necesidad de construcciones y discusiones más teóricas sobre el racismo, que la sociedad en general insiste en la invisibilidad, pero que es un fondo presente y estructurante en el campo de las relaciones sociales, y pasa por la construcción de la subjetividad de las personas negras, individual, colectiva e históricamente.

Palabras clave: Relaciones raciales. racismo. gestalt-terapia.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	08
2	RELAÇÕES RACIAIS E RACISMO NO BRASIL: O RACISMO COMO FIGURA DO CAMPO	10
3	A PSICOLOGIA ENQUANTO INSTITUIÇÃO NO CAMPO DAS RELAÇÕES RACIAIS	15
4	GESTALT-TERAPIA E AS RELAÇÕES RACIAIS	20
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
6	REFERÊNCIAS	29

1 INTRODUÇÃO

O racismo é uma gestalt aberta na constituição da sociedade brasileira, sempre emergente no campo, por vezes como figura, mas sempre presente como fundo do campo vivencial da pessoa negra. Na prática clínica, observa-se a crescente demanda da busca por profissionais negras e negros, o que evidencia que, mais do que buscar por uma psicoterapia, a pessoa negra busca por reconhecimento e validação de si, do seu sofrimento atravessado racismo estrutural e cotidiano existente na sociedade. O objetivo desse trabalho é refletir e fazer uma breve revisão sobre a história negra, com a caracterização do racismo e seus determinantes, seguida por uma reflexão do posicionamento da psicologia enquanto instituição no campo das relações raciais, e por fim, uma revisão acerca das discussões e construções sobre o racismo e relações raciais na Gestalt-terapia, abordagem que se mostra potente nesse campo, especialmente por meio do resgate de sua dimensão político-social. O tema deste trabalho surge como uma inquieta reflexão de como tem se dado os estudos e teorizações acerca da temática do racismo e das relações raciais no campo da psicologia, e especialmente, no campo da Gestalt-terapia. Devido à vivência do racismo, a população negra carrega consigo as marcas sociais e subjetivas de uma história de discriminação, violência e invisibilidade.

A Gestalt-terapia é uma abordagem que trabalha com as potencialidades do indivíduo, visto que considera o homem dotado de liberdade e criador do seu modo de existir através de suas escolhas e a auto responsabilização. Nessa perspectiva, considera que o aspecto da liberdade do indivíduo se dá em sua capacidade de se reinventar dentro das suas possibilidades, de reorientar a situação em que vive, encontrando novos modos e sentidos nas possibilidades que se apresentam ali, no seu campo vivencial. A premissa gestáltica é a de que, o ser humano se constitui na relação com o mundo e com os outros.

A escolha pela abordagem gestáltica enquanto teoria que fundamenta a minha atuação profissional se deu ainda na graduação, momento em que também começava a construção da minha identidade como mulher negra. Meu percurso formativo se deu sem nenhuma referência ou acesso a construções teóricas de pessoas negras, já existentes, porém invisibilizadas no meu campo de formação, não havia nenhuma representatividade. Na condição de estudante ocupei e transitei por espaços

majoritariamente brancos e na vivência desse trânsito houve a materialização das diferenças sociais, econômicas, culturais e, principalmente, a vivência da diferença imposta pela cor. Aonde quer que eu chegasse, as diferenças já estavam lá, postas, anunciada pela cor da minha pele, vestida de toda sua sutileza, sempre emergente ali no entre das minhas relações constituídas nesses espaços. Foram essas vivências que fizeram com que houvesse a ampliação de consciência acerca da minha negritude e o que de fato ela representa.

O tema das relações raciais sempre se fez presente, como fundo, e em ausência, porque atravessa a constituição que se dá em todas as instâncias sociais, inclusive nas instituições de ensino, mas que permanece invisibilizado, silenciado e ausente nas problematizações que surgem nos grandes espaços acadêmicos e de formação.

Diante disso, se torna necessário repensar a prática psicológica construída sob um olhar elitista, onde desconsidera as questões sócio-raciais e seus atravessamentos nos corpos e subjetividades negras, é necessário refletir sobre novos modos de se fazer e novas possibilidades de intervenções que compreendam as necessidades e vivências da população negra, que hoje chega aos consultórios e busca legitimação da sua dor, escuta empática do lugar de onde falam, vivem e existem enquanto sujeitos. O que torna ainda mais imprescindível a construção de uma psicologia e um fazer clínico antirracista, não só por profissionais negras e negros, mas por todos.

A construção desse trabalho é através de uma revisão sobre a história negra, com a caracterização do racismo e seus determinantes, seguido sobre a reflexão do posicionamento da psicologia enquanto instituição no campo das relações raciais, e por fim, uma revisão acerca das discussões e construções sobre o racismo e relações raciais na Gestalt-terapia, abordagem que se mostra potente nesse campo, especialmente por meio do resgate de sua dimensão política.

2 RELAÇÕES RACIAIS E RACISMO NO BRASIL: O RACISMO COMO FIGURA DO CAMPO

Ser negro no Brasil é viver com muitas barreiras colocadas ao longo do desenvolvimento e da vida, antes mesmo de existir, a pessoa negra já carrega a ausência simbólica de coisas que já foram arrancadas de si, da sua identidade e história. A invasão dos europeus no Brasil e a trazida forçada do povo negro trouxeram sérias consequências para a população negra no Brasil. A escravização foi um projeto de extermínio do povo negro, que hoje sobrevive sem poder deixar de olhar para trás, pois vive sobre o reflexo dela cotidianamente. As pessoas negras são as que mais ocupam as ruas e as favelas, cargos de trabalhos considerados subempregos, espaços e situações de vulnerabilidade social. O processo de escravização e o racismo são refletidos no adoecimento físico, mental e espiritual do povo negro.

A ideia de que os brancos europeus podiam sair colonizando o resto do mundo estava sustentada na premissa de que havia uma humanidade obscurecida, trazendo-a para essa luz incrível. Esse chamado para o seio da civilização sempre foi justificado pela noção de que existe um jeito de estar aqui na Terra, uma certa verdade, que guiou muitas das escolhas feitas em diferentes períodos (KRENAK, 2019 apud ARRELIAS, 2020b, p98).

A luta contra o racismo não é contemporânea, ela vem sendo construída desde as pessoas negras escravizadas até o presente momento. Ressalto aqui a importância de nos atentarmos ao termo escravizado, termo correto para descrever o processo ocorrido no colonialismo, e não o termo escravo, uma vez que, como aponta Kilomba (2019), o termo escravizado descreve um processo político-ativo de desumanização, o que de fato ocorreu e ressoa vividamente até os dias atuais. Ao contrário do termo escravo, que sugere a desumanização como algo natural de ser dirigida as pessoas escravizadas.

Segundo Almeida (2021), o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de

práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam.

Para falarmos de racismo, o autor aponta a necessidade de uma compreensão a priori do conceito de raça, e a atenção que se deve ter para a diferenciação do racismo em relação ao preconceito racial e a discriminação racial.

O termo raça é indissociável à constituição de poder, objetivando a construção de classificações, usado como fundo das constituições políticas e econômicas das sociedades contemporâneas.

A raça é tida como um termo histórico e relacional, como expressa o autor:

A raça emerge como um conceito central para que a aparente contradição entre a universalidade da razão e o ciclo de morte e destruição do colonialismo e da escravidão possam operar simultaneamente como fundamentos irremovíveis da sociedade contemporânea. (ALMEIDA, 2019, p28)

Reforçando essa colocação, Kilomba (2019) e Nascimento (2016), assinalam que a racialização fez com que o ideal europeu, o sujeito branco, fosse tomado como padrão enquanto houve a inferiorização do sujeito negro e sua animalização, assim como de suas origens, cultura e características próprias. Ideologia ainda presente no imaginário coletivo e social da população brasileira. Inclusive, o sentimento de inferiorização foi sendo introjetado ao longo de gerações por pessoas negras, devido à naturalização do ideal branco, fazendo com que o negro se identifique e busque os padrões de branquitude presentes na ideologia dominante. Nascimento (2019) aponta que nesse processo de identificação do negro com esse padrão instaurado, temos pessoas negras se identificando como mulatos, pardos, mestiços, ou até mesmo recorrendo a qualquer outra forma de escapismo, no que ele chama “vasto arsenal” oferecido pela ideologia dominante.

O autor ainda expressa que, também faz parte do processo de racialização, a estratégia política de eliminação do povo negro, que não se configurava apenas como uma teoria abstrata, mas que se materializou em ações propositais que deixavam as pessoas negras indefesas e em situações de vulnerabilidade de todos os tipos.

Ações essas que ainda hoje estão presentes, especialmente em vilas e favelas pelo Brasil, se configurando como práticas genocidas voltadas à essas pessoas. Assim, o conceito de raça é um elemento essencialmente político, sem qualquer sentido fora do âmbito socioantropológico,

Não existem diferenças biológicas ou culturais que justifiquem um tratamento discriminatório entre seres humanos, o fato é que a noção de raça ainda é um fator político importante, utilizado para naturalizar desigualdades e legitimar a segregação e o genocídio de grupos sociologicamente considerados minoritários. (ALMEIDA, 2019, p31)

Sendo assim, a raça é o que fundamenta o racismo como forma sistemática de discriminação, sendo esse, manifesto de forma consciente ou não, definindo vantagens ou desvantagens a depender do grupo racial.

O preconceito racial é o julgamento de indivíduos baseado em estereótipos, que podem resultar em práticas discriminatórias. Enquanto a discriminação racial, é o tratamento diferenciado a indivíduos de grupos racialmente identificados (ALMEIDA,2021).

A branquitude emerge como centro nesse cenário de racialização e discriminação, enquanto a negritude é colocada à margem desse campo estrutural, tendo acesso ao centro somente enquanto corpo-objeto, negado a si esse espaço enquanto sujeito, corpo-objeto que retorna sempre à margem. Estar à margem é ser parte do todo, mas fora do corpo principal, ou seja, fora do centro.

O conceito de branquitude pode ser caracterizado como uma condição sistemática de privilégios, no que diz respeito ao acesso a recursos materiais e simbólicos, gerados inicialmente pelo colonialismo e imperialismo, e se mantém sendo preservados na contemporaneidade (ALMEIDA, 2021, p75).

No mundo ideologicamente branco, a pessoa negra é vista como algo ruim, visto como aquele que carrega consigo todos os tabus que os brancos reprimem. O negro se torna a representação mental daquilo com o que o sujeito branco não quer parecer, sendo a “alma negra”, uma construção da branquitude, em mais um ato de deslegitimação existencial, colocando a pessoa negra como a “outra”. KILOMBA (2019, p40) diz que o trauma do sujeito negro emerge por estar constantemente nesse estado de “outridade” na relação com o sujeito branco, resultado do violento contato e barbaridade do mundo branco, que se configura como a irracionalidade do racismo, que nos coloca sempre como o outro diferente, incompatível, conflitante, estranho, incomum, como não-pertencente.

O sujeito negro é sempre obrigado a desenvolver uma relação consigo mesmo através do modelo e presença alienante da branquitude, movimento esse que retira sua identidade e sua historicidade.

O racismo é atemporal, como o passar do tempo ele vem se modificando na estrutura social, mas nunca deixando de existir. Na atualidade o racismo se mostra com tamanha sutileza e dissimulação, que por vezes pode haver a dificuldade de percebê-lo e nomeá-lo como tal, visto pela pessoa não-negra como “coisa da nossa cabeça”.

Nós reconhecemos o racismo mais facilmente quando ele é expresso abertamente e de maneiras diretas. Contudo, a experiência tem mostrado que pessoas brancas, muitas vezes, consciente ou inconscientemente, dissimulam suas próprias intenções racistas no contato com pessoas negras. O que, por sua vez, pode tornar mais difícil para pessoas negras denunciarem um tratamento discriminatório em determinada situação. (ESSED, 1990 apud KILOMBA 2019, p162)

Não há como desconsiderar que o racismo seja um determinante no modo de constituição das relações sociais, e por esse motivo se faz cada vez mais necessário revisitar o passado para compreender o presente, o quanto for preciso, como uma gestalt aberta, o racismo ressoa no aqui-agora da população negra, como uma ferida exposta. Trazendo com uma das heranças prescritas do colonialismo a posição de marginalidade e a condição de silenciamento.

Kilomba (2019) traz a definição de racismo em três dimensões: estrutural, institucional e cotidiana.

Na dimensão estrutural, como apontado anteriormente, o racismo gera a exclusão das pessoas negras das estruturas políticas e sociais. Os operantes dessas estruturas oficiais privilegiam a branquitude, enquanto membros de outros grupos racializados são colocados à margem, em desvantagem, sem representatividade nas mesmas. E mesmo em localidades em que a maioria da população é negra, ainda sim, existe como minoria econômica, cultural e política, permanecendo a segregação de todos os tipos, como afirma Nascimento (2019).

Na dimensão institucional, o racismo não é visto apenas como um fenômeno ideológico, mas é ativo na forma como as instituições atuam e se organizam, tendo como padrão o tratamento desigual colocando os não-negros em clara vantagem. Propiciando a constante manutenção da branquitude e seus privilégios no dia-a-dia.

Na cotidiana, o racismo se configura por palavras, ações, gestos, discursos, naturalizações, comparações e imagens que coloca a pessoa negra como a “outra”, sendo o indivíduo negro usado como personificação das projeções do que a branquitude define como tabu fora da norma vigente, fora de padrão.

Em todas as três dimensões do racismo, é negado à pessoa negra o direito de existir como igual. Existe a pré-concepção de que as pessoas sofrem racismo porque diferem, porém, é o próprio processo de discriminação que torna as pessoas diferentes. “Toda vez que sou colocada como “outra”, estou vivenciando o racismo, porque eu não sou ‘outra’. Eu sou eu mesma” (KILOMBA, 2019, p80).

Diante do exposto, deixo aqui uma provocação, a mesma feita por Kilomba (2019, p46), em vez de fazer a clássica pergunta moral “eu sou racista?” e esperar uma resposta confortável, você já se perguntou: “como posso dismantelar o meu próprio racismo?” Tal pergunta, então, por si só, já inicia esse processo.

3 A PSICOLOGIA ENQUANTO INSTITUIÇÃO NO CAMPO DAS RELAÇÕES RACIAIS

Sofrimentos políticos precisam ser enfrentados psicológica e politicamente (CFP, 2017)

A história da psicologia como profissão no Brasil, é alicerçada em bases elitistas e carrega consigo a marca de ter contribuído para criação de concepções teóricas e reproduções de ideais que fundamentam processos discriminatórios, e, por vezes, o silenciamento diante de questões sociais fundamentais, colaborando para manutenção dos mesmos. Posturas essas que, ainda hoje, podem ser percebidas em diversos campos de atuação, reproduzidas por profissionais, sendo convenientes e se silenciando diante de tais questões, ou ainda reproduzindo posturas, teorias e práticas discriminatórias e racistas, através de naturalizações, sem nenhuma reflexão quanto às questões raciais e os impactos de suas ações e palavras sobre os sujeitos que as vivenciam.

Hoje em dia, a Psicologia mantém-se ainda conivente com a perpetuação desse olhar, silenciando-se diante das desigualdades políticas, dentre elas, o racismo e o sexismo. Ao deixar de dispor de seu arsenal (justamente tão apropriado para questões de identidade, autoestima, relacionamento interpessoal e dinâmicas psicossociais, grupais e institucionais), ao silenciar essas temáticas em suas produções acadêmicas, ao não acolher seus efeitos diante de demandas repetidamente escancaradas e ignoradas, omite-se de participar do enfrentamento político daquelas modalidades de violência, reafirmando invisível a demanda de mais da metade da população brasileira (CFP, 2017, p. 76)

O Conselho Federal de Psicologia se posicionou oficialmente frente às demandas que constataram a ausência das discussões raciais no campo psicológico, por meio da resolução 018/2002 que objetivou estabelecer normas para a atuação dos profissionais no que tange o racismo e as relações raciais. Composta por seis artigos:

- 1º Art. - Os psicólogos atuarão segundo os princípios éticos da profissão contribuindo com o seu conhecimento para uma reflexão sobre o preconceito e para a eliminação do racismo.
- 2º Art. - Os psicólogos não exercerão qualquer ação que favoreça a discriminação ou preconceito de raça ou etnia.
- 3º Art. - Os psicólogos, no exercício profissional, não serão coniventes e nem se omitirão perante o crime do racismo.
- 4º Art. - Os psicólogos não se utilizarão de instrumentos ou técnicas psicológicas para criar, manter ou reforçar preconceitos, estigmas, estereótipos ou discriminação racial.
- 5º Art. - Os psicólogos não colaborarão com eventos ou serviços que sejam de natureza discriminatória ou contribuam para o desenvolvimento de culturas institucionais discriminatórias.
- 6º Art. - Os psicólogos não se pronunciarão nem participarão de pronunciamentos públicos nos meios de comunicação de massa de modo a reforçar o preconceito racial.

No ano de 2017, quinze anos após a publicação da resolução, o Sistema Conselhos de Psicologia, composto pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP) e os Conselhos Regionais de Psicologia (CRP's), realizou a publicação do documento *Relações raciais: referências técnicas para a atuação de psicólogas(os)*. O CFP afirma se posicionar democraticamente em defesa de direitos que contribuem para o enfrentamento de uma dívida histórica e a superação de um abismo sócio racial (CFP 2017, p.7). Esse documento de referências técnicas, foi criado com o objetivo de responder às demandas levantadas pelo Movimento Negro diante da instituição, demandas essas que traziam questionamentos quanto ao posicionamento mais efetivo da psicologia e a necessidade de produções teóricas da categoria, que pudessem contribuir com a superação do racismo e demais discriminações.

Somente recentemente, a partir dos anos 2000, os resultados do Movimento Negro(a) – representado, principalmente por psicólogas negras – passaram a influenciar parte das(os) profissionais da Psicologia e, atualmente, o tema ascende institucionalmente. Nesse sentido, cumpre destacar dois dos princípios fundamentais de nosso Código de Ética (Conselho Federal de Psicologia, 2005):

II. O psicólogo trabalhará visando promover a saúde e a qualidade de vida das pessoas e das coletividades e contribuirá para a eliminação de quaisquer formas de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

III. O psicólogo atuará com responsabilidade social, analisando crítica e historicamente a realidade política, econômica, social e cultural (CFP, 2017, p. 76-77)

De forma geral, o objetivo de tal referência, é fazer com que os profissionais da psicologia, especialmente os não negros, em seus diferentes campos de atuação possam reconhecer, pensar e se posicionar diante do racismo, visto que em contato com as demandas marcadas pela vivência racial e os sofrimentos das pessoas negras, possa ocorrer a desqualificação dos mesmos enquanto oriundos do racismo. O que se caracteriza, conforme o texto, como racismo interpessoal, que é o não reconhecimento por parte do profissional de psicologia da existência do sofrimento psíquico oriundo do racismo no trabalho clínico ou em outros campos de atuação. Historicamente as pessoas negras têm sido colocadas em posições de invisibilidade e desqualificação, tendo a constituição da sua subjetividade constantemente atravessada por aspectos negativos e de inferioridade, se constituindo como sujeitos incompletos e não pertencentes. Enquanto, por outro lado, a população branca tem a maior probabilidade de se constituir subjetivamente como positiva, validada e reafirmada nos mais diversos contextos (CFP, 2017). É a partir dos modos de relações estabelecidas e da socialização que a subjetividade é constituída e estruturada.

A dimensão do que resulta a vivência da discriminação racial, seus atravessamentos subjetivos, traumas e sofrimentos decorrentes da mesma, nunca poderá ser capturada e experienciada por uma pessoa não negra. É necessário que a problematização e reflexão acerca do racismo ocorra a partir do seu lugar de privilégio ocupado, ou seja, a partir de sua branquitude.

O racismo é um dos principais organizadores das desigualdades materiais e simbólicas que há no Brasil. Ele orienta modos de perceber, agir, interagir e pensar e tem função social específica: a estratificação racial e a perpetuação do privilégio do grupo racial branco (CFP, 2017, p. 26)

No texto, são apontados três efeitos psicossociais decorrentes do racismo, de acordo com o estudo feito por COSTA (2012 apud CFP 2017). Esses efeitos dizem respeito a posturas adotadas, conscientemente ou não, pela pessoa negra diante da vivência do racismo, que seriam elas:

1. O crescimento e o questionamento: percepção do impacto do racismo que foi vivenciado e a construção de recursos psíquicos e sociais para enfrentá-lo. Se

reconhece enquanto corpo negro, valorizando sua história, cultura e suas características.

2. A utilização de mecanismos psíquicos defensivos contra o racismo: Há a afetação da vivência do racismo, mas não a percepção dele enquanto tal, levando a pessoa a se identificar com o agressor internalizando os aspectos da branquitude, como uma tentativa de defesa desses ataques.
3. O dilaceramento psíquico: A vivência do racismo gera um efeito catastrófico, sendo a pessoa negra atingida com tamanha violência, necessitando de apoio das mais diversas ordens para seu restabelecimento psicológico.

A respeito desses mecanismos, pode-se afirmar que,

Em função do jugo racista, como defesa a esse jugo, o sujeito pode tentar afastar-se de situações que possam aproximá-lo de sua negritude, seja do contato com outros negros(as), seja dos sinais corpóreos que indicam sua condição racial-fenotípica. Esse processo é uma defesa contra a humilhação política racista historicamente vivida, isso é, contra uma angústia que é de origem política e é persistente, é recente e vivida ali por ele, naquele momento, tanto quanto é longínqua, foi vivida por ele antes e por seus antecedentes e os antecedentes de seus antecessores (Gonçalves Filho, 1998 apud CFP 2017).

De forma geral, o documento explica o fato de que existe um sofrimento psíquico intrínseco que emerge cotidianamente no campo vivencial das pessoas negras, tentando determinar suas formas de ser-no-mundo, assim como a constituição das suas relações sociais e institucionais.

O texto também nos apresenta um breve panorama dos estudos e pesquisas realizados no campo da psicologia acerca do racismo e das relações raciais, e nota-se que tais produções ainda são incipientes e não acontecem em todos os campos de atuações em que a profissão se insere.

Todos os revisores, sem exceção, notaram a escassa produção entre as(os) psicólogas(os) sobre relações raciais, o que indica que a negação da temática na sociedade tem sido repetida na Psicologia, ainda que os artigos publicados colaboram significativamente para a discussão do tema dentro (e fora) do universo psi (CFP, 2017, p 84)

As diretrizes trazidas aos profissionais, apontam para a necessidade de que haja uma transformação no fazer, desde a formação inicial que se dá na graduação até os outros diversos níveis de formação. Apontando estratégias e possibilidade de enfrentamento do racismo por parte dos profissionais de psicologia, seja na dimensão pública ou privada. Podemos pontuar algumas diretrizes, como:

1. Inserção transversal da temática da raça e do racismo na formação, para a compreensão dos efeitos psicossociais do racismo na constituição dos sujeitos.
2. Criação de disciplinas que denunciem o racismo e trabalhem as identidades negras de forma positivada.
3. Sensibilização para os aspectos psicológicos envolvidos nas relações raciais no Brasil
4. A constante reflexão dos profissionais sobre si próprios enquanto sujeitos e seus posicionamentos diante das questões raciais, principalmente enquanto formadores de outros sujeitos.

É importante que as(os) profissionais façam a reflexão sobre si próprias, como sujeitos constituídos em uma sociedade cujo imaginário social demarca a(o) negra(o) em um lugar inferior, oprimido e menos valorizado, ocupando subempregos ou restritos a arte e esporte. Por outro lado, cabe também a reflexão de que essa mesma sociedade valoriza socialmente a população branca, tomando como “natural” a melhor posição social ocupada por esse grupo (CFP 2017 p 115)

Todas essas reflexões e problematizações são necessárias para que se perceba a discriminação e ocorra a desnaturalização de preconceitos, de modo que sua atuação profissional não venha privilegiar e nem desfavorecer sujeitos por conta de sua origem e estereótipos construídos socialmente pautados na discriminação.

4 A GESTALT-TERAPIA E O CAMPO DAS RELAÇÕES RACIAIS

Como aponta Belmino (2021), nos últimos anos pode se perceber que há um aumento em produções e teorizações acerca do campo das violências, inclusive o movimento do reconhecimento político do pensamento gestáltico, o qual ele afirma está presente desde a sua fundamentação, principalmente nas contribuições de Goodman à teoria. Assim como no campo da psicologia de forma geral, esse despertar para as questões raciais é recente no campo da Gestalt. A emergência do tema enquanto teorização ainda está caminhando, e mesmo a abordagem se mostrando potente para pensar esses sofrimentos e violências, a construção ainda se dá de forma tímida no cenário nacional da Gestalt-terapia, sem ser percebida como prioridade ou de muita relevância, especialmente nos contextos de formação.

A Gestalt-terapia é uma abordagem psicológica constituída por uma fundamentação filosófica influenciada por concepções como o humanismo, o existencialismo e a fenomenologia. O idealizador e principal representante da abordagem gestáltica é Fritz Perls, que ao romper com a psicanálise, inicia seu caminho em direção a criação de uma teoria que tenha como pressuposto a busca do equilíbrio dos organismos por meio de vivências integradoras, considerando sempre o indivíduo no seu meio social, afetado pelo meio, como experiência a totalidade dessa afetação e como responde a esse meio, como se mostra na sua forma de ser-no-mundo (CARDOSO, 1999).

A Gestalt-terapia é uma abordagem das relações sociais, pois considera que é por meio dessas relações que o indivíduo se constitui enquanto sujeito, por meio da relação com o “não-eu” que o “eu” é percebido e estruturado. Belmiro (2021) afirma que, “a Gestalt-terapia é uma clínica, uma psicoterapia, não do indivíduo, mas uma clínica das relações sociais”. Diante de tal afirmação e a constatação constante de que a prática clínica, aquela construída entre as quatro paredes do consultório, não escapa a dimensão social do indivíduo, uma vez que a própria abordagem gestáltica pressupõe a abertura ao outro e o acolhimento em sua totalidade.

Belmiro (2021) nos traz essa dimensão político-social da abordagem gestáltica ao constatar que ela nasceu em meio aos movimentos de afirmação da vida, de

resistência e em meio a crença política de transformação social, e que suas referências são da fenomenologia crítica ao positivismo e ao naturalismo, do existencialismo que rompe com a negação da vida e ataca toda forma de dominação das diferenças; assim como da filosofia dialógica, que acredita na potência do encontro como meio de transformação das mais diversas ordens. Não cabe a Gestalt-terapia tentar ajustar os indivíduos na ordem imposta socialmente, mas fazer com que haja uma ampliação de consciência de modo que esse indivíduo se ajuste ao seu próprio potencial criativo.

No campo das relações raciais, a Gestalt-terapia pode apontar reflexões e estratégias de reconhecimento das diferentes formas pelas quais o poder se manifesta e olhar criticamente para isso, mostrando como a Gestalt-terapia é uma forma política de resistência àquilo que nos desumaniza, nos oprime e nos destitui de nossa capacidade de enfrentamento (BELMIRO, 2021, p33).

Diante de uma sociedade que assume uma postura retroflexiva, dessensibilizada e rígida na manutenção de padrões e normativas discriminatórias, que coloca à margem qualquer possibilidade de diferença, o racismo enquanto produto desta, é a constante atualização de uma ausência, uma ferida aberta e se configura como uma situação ainda inacabada que afeta os indivíduos negros não só na dimensão individual, mas atravessa a dimensão histórica visto que “conflitos inacabados e abertos de um momento se perduram enquanto tensão” (BELMIRO, 2021); e a tensão da vivência racial presentificada no aqui-e-agora assim como no lá-e-então das pessoas negras, que mesmo inconscientemente vivem alertas para se defender da violência racial que pode surgir a qualquer momento, vinda de qualquer um, em qualquer lugar, inclusive da relação terapêutica. A dimensão sociopolítica do indivíduo negro se apresenta ali na clínica psicológica de diversas maneiras, rompendo com a ideia de dicotomia entre o individual e o social, visto que a construção do individual se dá a medida que há a construção das relações sociais, e é no caráter político da Gestalt-terapia que as discussões acerca das relações raciais devem se apoiar.

Se a Gestalt-terapia parte de um fundo intersubjetivo ou intercorpóreo, a clínica é um espaço que transita entre o singular e o universal. Olhar para o

sofrimento de alguém é, também, olhar para as vicissitudes próprias da humanidade, isso nos leva a pensar a abordagem gestáltica como um modo muito mais profundo de olhar para a nossa experiência. A Gestalt-terapia, ao se propor a desenvolver uma compreensão e um modo de intervenção nas diferentes dinâmicas do sofrimento, criou uma forma potente de pensar e agir no mundo, afinal de contas, se pensarmos que o sofrimento é relacional, mesmo na psicoterapia, estamos produzindo efeitos que extrapolam as paredes dos consultórios e atingem a vida em sua forma sistêmica. (BELMIRO, 2021, p 35).

Com o reconhecimento da dimensão político-social da Gestalt-terapia junto a um posicionamento crítico e descolonizador da psicologia, têm surgido no cenário nacional da abordagem gestáltica, nomes que tem se destacado por levar a luta do movimento negro e a temática das relações raciais da margem para o centro das discussões na abordagem, ganhando visibilidade e produzindo novas reflexões e problematizações no campo a partir desse centro. Nesse movimento, surge também a criação, em São Paulo, do primeiro centro de formação gestáltico que traz em seu nome o símbolo da luta e resistência negra no Brasil, o “Quilombo Gestáltico”, já se posicionando e dizendo a que veio, idealizado e coordenado por mais uma gestalt-terapeuta negra, assim como outras negras e negros que têm surgido no centro das discussões com produções acerca da Gestalt-terapia e seu manejo clínico com pessoas negras, como sobre o racismo, visto que há dificuldade de perceber e tratar o racismo como algo presente no aqui e agora do campo terapêutico.

Considerar o ser humano como engajado político-afetivamente em seu campo existencial exige um trabalho clínico que considere, respeite, acolha e valide as formas únicas e potentes de existência dos diferentes territórios brasileiros. Se consideramos a Gestalt-terapia como “um enfoque existencial, experiencial e experimental, baseado no que existe em vez de no que deveria existir”, temos condições concretas de fortalecer um sistema psicoterápico abrangente e inclusivo, que corresponda com as dinâmicas e complexidades da realidade brasileira (ARRELIAS, 2020a. 2020b.)

A abordagem gestáltica considera que, o trabalho terapêutico não deve se limitar apenas a dimensão racional do indivíduo, mas propõe um trabalho em que a percepção do indivíduo sobre si e as situações que vivência sejam experienciadas através de suas sensações, emoções e pensamento, ou seja, uma vivência integradora. É um trabalho com o sujeito na busca do encontro consigo mesmo, para

ser possível um encontro saudável com o outro, visto que existir é ser-no-mundo, existir é se relacionar, é se colocar em ação e em questão. Dado que a existência é individual, mas também coletiva, o indivíduo existe em relação, na abertura com o mundo.

A postura terapêutica é fundamentada no método fenomenológico, na relação dialógica, com o uso de técnicas e experimentos, que propõe a experiência para promover a integralização do indivíduo às suas partes dissociadas, o que gera a ampliação da consciência sobre si e seu campo vivencial com o objetivo de fazer com que seja desvelado a esse indivíduo suas possibilidades, através do resgate de suas potencialidades e autorresponsabilização da sua liberdade de escolha. É um trabalho com o sujeito de resgate da liberdade, mas para isso é preciso que se compreenda quais possibilidades existenciais estão restritas a esse sujeito. A Gestalt-terapia é uma visão de mundo que privilegia a relação e não os objetos, onde o foco se dá no processo em detrimento ao conteúdo, como caracterizado abaixo:

Em seu aspecto clínico, a Gestalt-terapia se apresenta como uma terapia existencial-fenomenológica que objetiva aumentar a awareness do cliente, no aqui e agora da relação terapêutica, e para isso, utiliza recursos como experimentos, frustrações, fantasias dirigidas e outros, facilitando o desenvolvimento do auto suporte, a capacidade de fazer escolhas e a organização da própria existência (FERRAZ, 2007,p 133).

A tarefa do gestalt-terapeuta é acolher com alteridade a pessoa negra que chega, a história nos mostra que a relação construída na sociedade com indivíduos negros, sempre foi uma relação eu-isso, de coisificação e utilidade, negado o direito de existirem como sujeitos iguais. A relação terapêutica é aquela que coloca o indivíduo na relação eu-tu, ampliando para esses sujeitos suas possibilidades de existir. Diante do caráter político e social da abordagem e a ampla abrangência do seu aspecto clínico, é importante que gestalt-terapeutas, se conscientizem de como a temática das relações raciais atravessa e impacta a subjetividade da população negra no Brasil, para que o trabalho que se constrói na direção da pessoa aconteça na compreensão da sua totalidade, sem perder de vista o fundo da vivência racial, sendo sempre presente, assim como sua relação com as figuras que se apresentam. É

necessário, como aponta Arrelias (2020a. 2020b.), que a clínica rompa com a lógica dominadora e assume um caráter ético e político pautado por um posicionamento profissional potencializador de existências humanas.

Cabe assim ao gestalt-terapeuta a reflexão sobre as especificidades da história negra, visto que “o sofrimento do racismo é pessoal, comunitário e transgeracional”, e que essa reflexão se construa a partir do lugar que ocupa socialmente, seja ele o da negritude ou da branquitude, para ser possível a compreensão da dinâmica dos indivíduos negros em psicoterapia e a legitimação do sofrimento trazido, para que se construa com esses no entre da relação caminhos possíveis para a identificação e reinauguração de recursos para lidar com as feridas do racismo, é o encontro do humano do terapeuta com o humano da pessoa negra (FONSECA, 2020).

Compreender a dinâmica das relações raciais no Brasil não eliminará de prontidão o racismo, mas proporcionará um novo olhar para as relações sociais, familiares, profissionais, políticas para as relações humanas, com a potência da escolha de sermos mais humanos uns com os outros. Na clínica psicológica, é compreender que há muito mais no “fundo” de cada relato de sofrimento de uma pessoa negra do que ela possa efetivamente perceber e até conseguir verbalizar naquele momento (FONSECA, 2020, p133).

A clínica gestáltica é potente para o trabalho no campo das relações raciais, pois é fundamentada na relação dialógica, ela retira o indivíduo negro da relação eu-isso e o possibilita, por meio do manejo clínico, a reconstrução do seu eu, assumindo seu lugar de sujeito nas construções de suas relações no campo vivencial, ampliando suas possibilidades de ser-no-mundo, através do desenvolvimento do autossuporte e reconhecimento de si e seu potencial.

A referida autora aponta que os sintomas que se mostram na clínica com os indivíduos negros, são os de rigidez física e emocional, cobranças excessivas, dificuldade de entrar em contato com seus sentimentos e emoções, ansiedades geradas pela imposição social de se enquadrarem no padrão que nega sua identidade e discrimina as diferenças, assim como o desenraizamento, uma ausência de identidade que retira a possibilidade de ser como é, por vezes internalizando o racismo e se apropriando de crenças e construções negativas sobre sua história. E torna-se

quem se é, só é possível quando se cessa a tentativa de se converter ao que não se é, é isso que possibilita a mudança, (re)conhecimento e aceitação.

Como uma Gestalt aberta, o racismo vem se refinando e se reconfigurando ao longo de séculos de experiência colonial, mantendo-se sempre atual, impedindo que indivíduos negros existam de fato como sujeitos e descrevam sua própria história assumindo seu lugar de fala, usando de estratégias que trazem invisibilidade e deslegitima a produção de cultura, conhecimento, a religião e as formas próprias de existência da negritude no Brasil, escancarando a dificuldade de uma escuta aberta, qualificada e acolhedora dessas existências. Ao colocar como figura a falta de discussões e produções significativas sobre existências negras na Gestalt-terapia, o objetivo é sinalizar sua responsabilidade técnico-científica em relação aos processos sócias de desumanização e discriminação dessa população, visto que se silenciar diante das questões de violências do racismo e discriminação é ser coniventes com elas. Ao se implicar na temática das relações raciais, a Psicologia e a Gestalt-terapia podem contribuir efetivamente na construção de conhecimentos técnicos e metodológicos que possibilitem a modificação das percepções ideológicas que servem de fundo onde se ancoram as violências do racismo (ARRELIAS,2020a).

A violência racial, nas suas diferentes configurações, é vivenciada pelas pessoas negras desde a mais tenra infância, pode se dizer que a primeira coisa que uma pessoa negra aprende é a “ser forte”, característica fundante na constituição da sua subjetividade e uma crença que pode se desenvolver ao longo da constituição da vida adulta como rigidez emocional que dificulta a pessoa negra acessar e reconhecer seus sentimentos.

O racismo enquanto fenômeno do campo vivencial da pessoa negra, se constitui na polaridade que emergiu a partir da racialização, o branco e o negro, emergindo como uma violência ao negro, o polo mais fragilizado histórica e socialmente por meio da constante negação social da sua humanidade. Em uma sociedade que se recusa a ampliar sua consciência sobre sua constituição e história, e que se nega a se reconhecer como racista e desconstruir uma ideologia pautada no privilégio branco, a violência as pessoas negras têm se configurado como a única forma possível de contato, impedindo que ocorra de fato um contato autêntico, saldável e humano no entre dessas relações que se estabelecem. Arrelias (2020, a.

p22-23) aponta que, “é neste contexto que precisamos repensar o campo vivencial como produtor, mantenedor e potencializador histórico das violências do racismo e nas ausências de considerações das relações raciais na constituição de diversas possibilidades de contato.”

Para Arrelias (2020a,2020b), deve haver na clínica gestáltica, no que diz respeito as relações raciais e racismo, um tensionamento dessas questões, é preciso falar sobre racismo e sobre como a Gestalt-terapia, e a psicologia de forma geral, tem negligenciado e invisibilizado produções teóricas de pessoas negras no campo de formação, assim como a baixa produção científica e discussões na Gestalt-terapia acerca do tema, assim como a necessidade de ser colocado como figura o silenciamento das lutas de resistências contra essas violências, para ser evidenciada a conivência que existe no silêncio diante dessas questões, para haver reflexão, problematizações, para que não haja esquecimento, para que essas violências e discriminações não se repitam ou se fortaleçam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando-se em conta o que foi observado e refletido no decorrer do texto, a dimensão política e social do indivíduo não escapa à clínica gestáltica, pelo contrário, ela se apresenta ali, ora como figura presentificada na experiência do aqui e agora do campo, ora como fundo histórico, constantemente atualizado, do sofrimento da pessoa negra. Como teoria que desconstrói a ideia de dicotomia entre o individual e o social, resgatar essa dimensão é resgatar a potência de uma clínica gestáltica que é também uma abordagem social, onde desde a sua fundamentação está presente o aspecto social através de reflexões do indivíduo no seu meio, em como afeta e está sendo afetado pelas configurações do campo e das relações.

O fazer clínico gestáltico é uma construção que deve ressoar para além das paredes do consultório, o campo terapêutico construído na relação com o indivíduo se amplia alcançando o social. Quando uma pessoa negra alcança, por meio do manejo clínico e da relação terapêutica, uma transformação em sua autopercepção, autonomia e (re)conhecimento de si e de suas potencialidades, ela se posiciona de forma diferente, há uma reconfiguração em seu modo de ser-no-mundo, inclusive possibilitando um impacto transgeracional.

Nota-se que as produções e discussões levantadas acerca das relações raciais na Gestalt-terapia, ainda são protagonizadas por atores negros, o que é um reflexo da sociedade, onde existe uma dificuldade da branquitude em querer refletir, problematizar ou se implicar com essas questões. Nota-se ainda a necessidade de que a temática das relações raciais, seja incluída de forma ativa e reflexiva na formação de Gestalt-terapeutas, para haver o resgate da dimensão social e do seu impacto na clínica.

Ainda se mostra necessário o resgate da dimensão política e social por meio da reflexão dos Gestalt-terapeutas sobre a historicidade da população negra no Brasil e o contexto social vivenciado por ela na contemporaneidade. Como os resultados do racismo tem ressoado e ainda é construído por meio dos atravessamentos, sofrimento e invisibilidade dos negros, que encontram barreiras para que de fato possam existir como sujeitos e com representatividade, dado que, ainda como maioria na população brasileira, são minoria nos espaços de decisões e construções sociais.

Não se pretende aqui trazer respostas, mas gerar a reflexão da necessidade de mais construções teóricas e discussões sobre o racismo, o qual a sociedade de maneira geral insiste em invisibilizar, mas que é fundo presente e estruturante no campo das relações sociais, e atravessa a construção da subjetividade das pessoas negras, individual, coletiva e historicamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADICHIE, C.N. **O perigo de uma história Única**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ARRELIAS, L. Racismo: gestalt aberta que mantém ausências. In: **Olhares da Gestalt-terapia para a situação de pandemia** / Organização: ABG – Associação Brasileira de Gestalt-terapia e Abordagem Gestáltica (organizador) – Curitiba : CRV, 2020. 322 p. (Coleção: Vozes em letras, v. 1). Disponível em: https://www.gestalt.com.br/vozes_em_letras.pdf. Acesso em 01 jul. 2021.a

_____. Reflexões da clínica gestáltica sobre relações raciais. In: **Sentidos em Gestalt-terapia : novas vozes, outros olhares** / Organizadores Lázaro Castro Silva Nascimento, Kamilly Souza do Vale. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020. Disponível em: [sentidosgt.com.br](https://www.sentidosgt.com.br)) Acesso em 01 jul. 2021.b

ALMEIDA, S.L. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Ed Pólen, 2019.

BELMINO, M.C. Revisitando Paul Goodman: desdobramentos políticos da gestalt-terapia. In: **Gestalt-terapia e sociedade**. Org. Boccardi, D.O. 1ª ed. São Paulo: LiberArs, 2021.

CARDOSO, C. L. **Aspectos filosóficos, teóricos e metodológicos da Gestalt-terapia**. Revista Psique, v. X, ano 9, n. 14, p. 47-65, 1999.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Relações Raciais: Referências Técnicas para atuação de psicólogos/os**. 1ª ed. Brasília: CFP, 2017. 147 p. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2017/09/relacoes_raciais_baixa.pdf. Acesso em: 01 jul. 2021.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução Nº 018/2002**. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2002/12/resolucao2002_18.PDF. Acesso em: 01 jul. 2021.

FERRAZ, P. Gestalt-terapia. In: D'ACRI, G.; LIMA, P.; ORGLER, S. **Gestaltês: dicionário de gestalt-terapia**. São Paulo: Summus, 2007.

FONSECA, S.S. Racismo à brasileira e sofrimento psíquico da população negra: contribuições da Gestalt-Terapia. In: **Angústias Contemporâneas e Gestalt-terapia**. Org. Marras, M. 1ª ed. Summus, 2020.

KILOMBA, G. **Memórias de uma plantação: Episódios de racismo cotidiano**. 1ª ed. - Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

NASCIMENTO, A. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. 3ª ed. - São Paulo: Perspectivas, 2016.

NASCIMENTO, A. S; SOUZA.G.F; SILVA.M; OLIVEIRA.M.S. "**Pretitude**" e o **afroperspectivismo em psicoterapia: desafios para a abordagem gestáltica**. Revista Estudos e pesquisa em psicologia, v. 19, n. 4 ,2019. Disponível em: DOI:<https://doi.org/10.12957/epp.2019.49293>. Acesso em: 01 jul. 2021.

SENA, G.M. Relações étnicos raciais na formação de uma gestalt-terapeuta: e a periferia emerge no centro. In: **Gestalt-terapia e sociedade**. Org. Boccardi, Diogo de Oliveira. 1ª ed. São Paulo: LiberArs, 2021.

VEIGA, L. M. **Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta**. Fractal: Revista de Psicologia, v. 31, p. 244-248, 4 set. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/fractal/a/NTf4hsLfg85J6s5kYw93GkF/?format=pdf>. Acesso em: 10/06/2021.

COSTA, L. C. S. **Reflexões sobre uma psicologia clínica antirracista**. 2019. 37f. Monografia (Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial) – UFMG- Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.